

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Elizabeth Caruso

Centro de Documentação e Memória do IFSP – campus São Paulo

São Paulo/SP

2018

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Alba Fernanda Oliveira Brito

Instituição: Coordenadoria de Documentação e Memória no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo- *campus* São Paulo

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

Elaboração do roteiro da pesquisa: Alba Fernanda Oliveira Brito

Local da entrevista: Centro de Documentação e Memória do IFSP

Data: 23 de agosto de 2018

Técnico de gravação: Fernanda Ferreira Boschini

Duração: 31 minutos e 57 segundos

Número de vídeos: um

Transcritora: Alba Fernanda Oliveira Brito

Número de páginas: 11

Sinopse da entrevista

Essa entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, durante as capacitações Clube de Memórias XXIX e XXX, propostas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional, na Unidade de Ensino Médio

e Técnico do Centro Paula Souza, entre agosto e dezembro de 2018, com a entrevistada Elizabeth Caruso que foi docente do Instituto Federal de Educação de São Paulo.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 12 de setembro de 2018

Nome do transcritora: Alba Fernanda Oliveira Brito

AFOB: Boa tarde! Estamos aqui hoje, no dia 23 de agosto de 2018, com a professora Elizabeth Caruso, professora aposentada do Instituto Federal, e que está nos concedendo esta entrevista para o nosso acervo, a biografia docente que estamos aqui na CDM realizando para um trabalho de história e memória da instituição e de nossos professores. Gostaria de agradecer a professora Elisabeth por ter aceitado o convite de participar desta entrevista, a CDM tem feito um trabalho ainda pequeno, mas a gente espera que esse trabalho cresça ao longo dos próximos anos e que a história da instituição seja contada, ela seja disponibilizada ao público e que os nossos alunos e o público em geral conheçam o trabalho realizado por nossos professores. Gostaria que a professora Beth falasse um pouco da sua trajetória aqui na instituição, da sua formação acadêmica. Muito Obrigada.

EC: Boa tarde, sou mais conhecida como Beth Caruso, eu entrei no Instituto Federal em 1993, lá no século retrasado (risos), e no Instituto Federal de São Paulo eu fiquei até 2008, quando eu pedi transferência para Sertãozinho por motivo de saúde e fiquei lá em Sertãozinho até me aposentar em 2013. Eu considero que eu fiz carreira aqui na Federal apesar de já ter trabalhado antes de prestar concurso na Federal, eu já tinha trabalhado 7 anos em outras instituições: municipais e particulares. Esta minha, a de Sertãozinho, foi a minha décima oitava escola então eu tenho uma vasta experiência para comparar escolas, tanto da pública quanto da particular e a Federal. Eu Sou formada em artes cênicas pela faculdade de Belas Artes, sou especialista em artes cênicas, fiz o meu mestrado já trabalhando aqui na Federal também na área da profissão docente e com o subtítulo “Artes Cênicas: da sala de aula para os palcos”, e, para falar muita francamente sem querer bajular ninguém, mas eu decidi pela dedicação exclusiva na Federal porque realmente aqui na Federal foi de todas as 18 escolas a única escola que me senti valorizada, eu tive o estímulo aqui na Federal de poder dar aula conforme a minha experiência, eu não era obrigada a trabalhar conforme os outros professores, eu tinha a minha didática, eu tinha a minha metodologia, sem deixar de cumprir os planos de ensino, lógico, né, porque fazíamos em conjunto, a área toda de artes, fazia em conjunto, mas eu poderia, eu pude desenvolver

o meu modo de trabalhar, e o meu modo de trabalhar ele era totalmente voltado para o aluno, então eu não formava o meu planejamento de aula sozinha, todo final de ano eu fazia uma auto - avaliação com os alunos do ano que correu e eles me diziam “O que foi aproveitável” , “o que não foi” , “o que poderia ter sido diferente” e “o que deveria ter sido igual” e no ano seguinte eu realmente seguia as instruções dos meus ex-alunos e sempre deu certo todos os vinte e tantos anos que eu dei aula na Federal eu segui essa metodologia e sempre deu certo. Estimulou os alunos a frequentarem a aula, eles gostavam de formar os seus próprios conceitos, eu nunca trouxe conceito pronto, cada turma apesar de trabalhar o mesmo conteúdo tinham os seus conceitos formados por eles mesmos, pela turma. Então cada turma tinha um modo diferente de ver o conteúdo e cada turma tinha um modo diferente de criar os seus conceitos. Então me senti bastante estimulada nesse sentido e senti também muito apoio da escola em relação ao meu mestrado, porque eu fiz o meu mestrado por causa de um convênio da escola com a Universidade (a UNIBAN) ao qual eu fiz o meu mestrado. Então eu só pude pagar a minha faculdade do Mestrado graças ao apoio da Federal e eu me senti estimulada até o último dia de trabalho e isso em sala de aula porque apesar da sala de aula, eu sempre trabalhei com um grupo de teatro, um trabalho paralelo ao da sala de aula. Utilizava todo o conhecimento dos meus alunos e de alunos de outros professores de teatro e formava grupos de teatro já com alunos com alguma base, e neste sentido, não tive tanto senti tanto apoio quanto da sala de aula mas a minha profissão era docente não diretora, Então me senti bastante satisfeita em sala de aula, aqui na Federal.

AFOB: O teatro é que você apresentou aqui na instituição pela pelas fotografias que a gente tem aqui no nosso acervo, conta a efervescência da cultura na instituição, aí eu queria que você falasse um pouquinho sobre o grupo de teatro sobre as peças que foram apresentadas, Quais foram as facilidades as dificuldades que você teve na criação do grupo e onde esses alunos estão hoje, se seguiram a área artística ou não, se você ainda tem contato com eles e o que representou para você enquanto professora essa parte do teatro que pra gente ainda é uma memória viva e os nossos alunos ainda continuam hoje fazendo teatro aqui na instituição com outro professor.

EC: Bom, se eu me senti satisfeita na sala de aula e estimulada pela pela instituição, eu me senti satisfeita como diretora de grupo de teatro, um trabalho paralelo por causa dos alunos. Eu e os alunos formávamos grupos de teatro, a cada ano um grupo diferente, aquele aluno que queria continuar podia, inclusive eu tive um grupo de teatro onde só tinham alunos que já não estavam mais na escola e encontrávamos barreiras até para eles entrarem na escola para fazerem os ensaios porque eles não eram mais alunos então houve uma briga muito grande para manter aquele grupo de ex-alunos, mas nós montamos o” Bailê na Curva” do grupo “Do jeito que dá” apresentando, veio bem a calhar, a peça que escolhemos tinha um fundo bem crítico, político e social e nós estávamos passando por este momento aqui como Grupo de teatro então nós dissemos a verdade a nossa verdade através do palco e nós fazíamos realmente um trabalho independente, porque nós não

tínhamos o suporte financeiro da instituição, Cenários, figurinos, aluguel de teatro, nós bancávamos com o nosso dinheiro inclusive eu e os alunos, então era realmente o nosso trabalho, então eu sinto muito orgulho dos meus ex-alunos. Em relação à área profissional a maioria dos integrantes do último grupo de teatro estão na área das artes cênicas ou de artes em geral, cultura, na área de cultura temos uma, a Maíra Gastner que está na área da Cultura e os demais estão como atores, diretores, temos uma ex-aluna a Mari Gosinsky que está com um espetáculo fazendo a propaganda dela (risos) mas tá com um espetáculo em cartaz, o Fábio Flores está atuando em Portugal, morando em Portugal e atuando em Portugal, nós temos um outro, o Felipe Brancalão que trabalha como ator que eu nunca lembro se são os Sátiros ou os Parlapatões, eu nunca lembro o nome do grupo dele, o Sidmar Gomes que está como diretor cultural do SESC da Pompéia ele é meu símbolo porque ele é meu exemplo, porque eu “o roubei” da área de mecânica ele fez aqui o técnico em mecânica, e aí no primeiro ano tinha que escolher uma linguagem ou música ou teatro ou artes plásticas. O Felipe Brancalão que era muito amigo dele fez a cabecinha dele para escolher teatro, porque ele queria estar junto do amigo dele então ele foi fazer teatro pela companhia do amigo, chegando na sala de aula ele sempre emburrado, ele não queria fazer as atividades muito tímido, e eu o trouxe para a área das artes cênicas Hoje ele é doutor em artes cênicas, ele é mais do que eu, eu sou mestre ele é doutor em artes cênicas foi fazer o doutorado dele na França e, ele gosta muito de dar aula de teatro deu aula para minha neta ele gosta de dirigir ele tem um grupo dele de teatro, então ele é o meu exemplo de satisfação.

AFOB: Você falou um pouquinho aí que havia uma dificuldade né por parte da direção com relação ao teatro quando você fala que o grupo era independente, você poderia explicar um pouquinho essa independência?

Colaboradora: Então, nossa, a única coisa que nós conseguimos da instituição era o espaço para ensaiar, porque apresentações dentro da escola eram difíceis, eram dificultadas a meu ver. Não sei se estou chorando ou se estou com mimimi mas a gente aposentada vai ficando cada vez mais emotiva vai ficando cada vez emotiva, mas eu não encontrava apoio para eu montar os meus espetáculos e a gente ensaiava a um ano inteirinho, sempre o mesmo espetáculo todos os sábados e apresentava no final do ano, então eu não sei se era já era uma época onde não tinha mais dinheiro, e por isso era negado para a gente, ou se era mesmo alguma resistência ao teatro, então eu não sei dizer não se explicar exatamente o que era, eu sei o que eu encontrava, mas nós enfrentamos eu “cabeçando”, a cabeça da revolução sempre, e nós, junto com os alunos, nós enfrentávamos as dificuldades, enfrentávamos direção enfrentavam os todos os outros departamentos de manutenção, pedíamos pelo amor de deus para o..., agora eu esqueci o nome do profissional de manutenção que ajudava muito a gente inclusive ele “lógico”, deve ter se aposentado mas ele fazia instalação dos holofotes, instalação da mesa, ele preparou o auditório uma vez para nós apresentarmos ele e os pais dos alunos, montamos um palco no auditório aqui “Ivo....” não lembro...

AFBO: Aldo Ivo de Vincenzo...

EC: Isso! Ivo de Vincenzo, mas ele fazia isso tudo fora do horário dele, então o apoio que nós tínhamos era, eram apoios excepcionais, pontuais, de pessoas, não falando pela instituição mas de pessoas, então até nos programinhas dos espetáculos eu fazia questão de colocar o nome da pessoa que tinha ajudado de alguma forma naquele espetáculo, então eu via uma certa resistência ao teatro, não sei se é por que eu era muito briguenta porque eu queria as coisas, eu queria e eu queria, tinha que acontecer e acontecia.

AFBO: A par você falou um pouco da parte financeira, e como que vocês arrecadavam dinheiro? O teatro era gratuito? As apresentações aqui na escola, ou vocês apresentavam fora do teatro, como que vocês arrecadavam como que vocês....

EC: Sempre fora, quando nós conseguíamos no início do ano ter o texto definido e o grupo definido já logo em fevereiro...março, nós íamos em buscas de teatros públicos, teatros que nós não precisávamos pagar era só entrar na agenda deles eles davam as datas para a gente apresentar, isso era muito raro de acontecer é muito difícil de conseguir casar tudo isso, texto já logo no começo do ano com data prevista para apresentar porque o nosso grupo, ele era um grupo voluntário então os atores eles eram voluntários, assim como eu fazia meu trabalho voluntário eles faziam o deles também voluntários, então eu não podia exigir deles que a gente já tivesse tudo pronto logo na primeira semana de ensaio tivesse tudo pronto então isso dificultava a gente conseguir um espaço público então quando chegava em abril e nós víamos que não tínhamos condições de apresentar em um espaço público nós começávamos a arrecadar dinheiro entre nós mesmos, eu fazia uma estimativa de quanto nós iríamos gastar mais ou menos, nem sempre era só aquilo chegava lá no final a gente tinha que colocar mais dinheiro, e aí a gente dividia, tinha um tesoureiro era o Sidmar que era o nosso tesoureiro, e ele que arrecadava o dinheiro todo mês de cada integrante do grupo, e tinha aluno que deixava de comer o lanche para poder pagar o sustento do grupo. Inclusive eu, nós todos participávamos dessa vaquinha todo o ano inteirinho e aí quando eu chegava em outubro nós já tínhamos o montante, pelo menos para alugar o teatro. Agora eu tô esquecendo de uma coisa, eu gosto muito de ser justa. Os figurinos eu conseguia pela instituição, não a costureira, mas vezes a costureira eu conseguia também, mas os tecidos pra fazer os figurinos cada espetáculo era um figurino novo, nós fazíamos um espetáculo, éramos amadores mas trabalhávamos como profissionais, cada figurino não reaproveitávamos, era um texto novo, figurino novo, atores novos, com medidas novas, então eu estava esquecendo deste detalhe eu conseguia mais, eu burlava um pouquinho né? Porque eu deixava eu utilizava como argumento para fazer os figurinos a sala de aula, porque todos os figurinos depois do espetáculo eles iam para sala de aula, eles eram utilizados pelos próximos alunos então era um acordo aí, meio que para eu conseguir pelo menos os figurinos mas cenário essas coisas não, tudo era da nossa do nosso bolso.

AFOB: Aqui na federal a gente, aqui podemos dizer que nós estamos na terceira geração do teatro, da década de 70, início da década de 80, nós tínhamos o Ivamba que era um grupo de teatro também de alunos da escola ,aí depois você entra....

EC: em 93...

AFOB: em 93 né,

EC: Tinha dois grupos, tinha o grupo do Marco ...

AFOB: Professor Marco Aurélio...

EC: que depois faleceu e extinguiu-se o grupo, e tinha o meu: Onomatopéia

AFOB: Aí hoje a gente tem o grupo de teatro do professor Black Escobar é um grupo onde a ênfase está na dança e aí a gente tem o Ivamba que era um grupo mais teatral mesmo talvez muito parecido com o seu aí eu queria que você falasse um pouquinho do Onomatopéia, o que significa Onomatopéia, quais foram as peças que vocês apresentaram, você trouxe um material, fotografias. Se você pudesse falar um pouquinho sobre esse material e sobre o que é Onomatopéia.

EC: Então o Onomatopéia ele é da linguagem, da língua portuguesa né, onomatopéia é aquele balãozinho que tem em cima dos quadrinhos aquilo lá se chama onomatopéia então é na verdade, é a fala dos personagens então eu juntei personagem com fala e veio onomatopéia na minha cabeça, né? Isso chamava muita atenção deles... eu tenho o nosso símbolo, o símbolo do grupo e ele para falar a verdade eu já tinha este grupo quando eu dava aula na escola pública do município eu tinha um grupo de teatro também, era extra curricular e ele já, fizemos duas montagens com eles na prefeitura então este nome ele já vem desde 1988.

AFOB: E as peças que você apresentou aqui na escola que ,na verdade, foram apresentadas aqui na escola você poderia falar um pouquinho delas, se tiveram boa aceitação, se houve algum tipo de censura em algum momento ,como que o público interno via este teatro apresentado por vocês?

EC: Para ser franca né, os meus colegas de trabalho pouco conheceram do meu trabalho no grupo de teatro, na sala de aula provavelmente não, porque tínhamos reuniões eu também fui coordenadora de área, então não passou despercebido assim, creio eu né, não passou despercebido o trabalho de sala de aula, agora do grupo de teatro só o que conheciam mesmo era minha brava, minha briga pelo teatro, porque o espetáculo em si eu tive pouquíssimos colegas no público assistindo as minhas peças, mas sempre de um público que eu fazia questão de estrear sempre lá na sala de teatro, não consegui aqui dentro, não tinha teatro, mas a primeira vez que eles apresentavam sempre era aqui dentro então eu sempre tentei fazer essa

ligação mesmo para servir de exemplo para os alunos porque eles não estavam fazendo um trabalho, tinha alguma coisa a ver com escola não era totalmente isolado né, e muitas das peças que a gente apresentou tivemos que estender para duas, três apresentações porque a fila que se formava na frente da sala de teatro era tão grande que a gente que entrava o número máximo de pessoas e os outros tinham que ir embora e voltar no dia seguinte para a gente fazer uma nova apresentação e teve espetáculo que a gente fez 3,4 apresentações para atender todo o público. Os pais dos alunos sempre foram assistir nunca os alunos participavam do grupo sem autorização dos pais, os pais acompanhavam podiam ligar a qualquer hora do ensaio, podiam falar comigo em qualquer momento do meu dia de trabalho, que eu os atendia para responder qualquer questão sobre o grupo de teatro então eu sempre tive apoio dos pais principalmente, porque eles eram crianças né eles tinham 14/15 anos eles eram crianças, então eu vi é que a necessidade do apoio dos Pais era essencial e sempre tive o apoio dos pais nesse sentido, e é lógico que eu trabalhei, eu fiz Plínio Marcos, fiz Nelson Rodrigues, fiz Comédia Grega, quer dizer (risos) são todos meio, para não dizer bastante, mais alguns picantes mas os pais sabiam que eles estavam fazendo e tínhamos a autorização dos pais, sempre tive o apoio dos Pais nesse sentido, então eu fiz “Aristophanes”, eu fiz “Do Jeito Que Dá”, fiz Ziraldo, fiz um infantil, nós fizemos o Flicts infantil, onde nós apresentamos para crianças, só para crianças na biblioteca Monteiro Lobato, fiz Judas em Sábado de Aleluia, fiz O Futuro está nos Ovos de Eugene Ionesco, fiz o grito pã... Aristophanes né, Lisisdrata... Greve de Sexo chamava o texto então quer dizer, tinha sexo (risos) e aqui eu tenho o Álvaro Ramírez vestido de mulher por que ele fazia um personagem de mulher, quer dizer, o teatro é transgressor nesse sentido então não dava, fizemos duas, três montagens de performances que nós criamos, nós “eu e o grupo” e por último eu fiz “um grito parado no ar” depois eu fui para Sertãozinho, não tenho registro, nós fizemos o B... do Jean Genet.

AFOB: Você poderia falar um pouquinho da sua experiência lá em Sertãozinho, do teatro lá?

EC: Bom, lá foi outro parto, aqui foi um parto lá foi outro parto porque não tinha teatro, lá tinha um professor só de artes e ele tentava dar todas as linguagens para ensino médio a gente sabe que isso não é o recomendável, o recomendável é que ele possa escolher, e hoje mais ainda do que teatro, música e artes plásticas, ele tem direito de escolher entre dança, cinema e televisão. Então ele deveria né, toda escola de segundo grau né, do ensino médio, tô antiga, do ensino médio, toda escola do ensino médio deveria oferecer todas essas linguagens para os seus alunos e lá só tinha um professor que tentava dar todas essas linguagens, aí chegamos lá eu para dar aula de teatro e o professor Ricardo Stefanelli para dar aula de música e nem tinha artes plásticas (risos) não tínhamos nada contra artes plásticas, mas é que fomos só nós dois de professores daqui pra lá, porque lá estava inaugurando também o IFSP Sertãozinho, tinha a escola técnica Sertãozinho mas era ligada à prefeitura e não ao instituto, o instituto só cedia os professores e a direção, então chegando lá não tinha nem espaço para eu

dar aula de teatro e aí foi outra briga para gente montar um teatro na sala, no auditório (em um pequeno auditório), então eu dividir os holofotes que nós conseguimos aqui dividir aqui e lá levei metade para lá montei palco, e comecei a dar aula de teatro lá, tivemos um grupo de teatro lá também paralelo mas só que lá eu tinha para falar a verdade eu acho que a tinha mais apoio lá do que aqui, apesar de toda dificuldade enfrentada lá, mas a dificuldade de lá era essa, que não tinha espaço para teatro e nem pra música então nós rasgamos espaço, Eu e o Ricardo rasgamos espaço para eu assumir a coordenação para poder falar mais alto, para poder falar um pouquinho mais alto e conseguimos espaço para dar aula de teatro e todo o meu acervo de figurinos, foi tudo lá para Sertãozinho.

AFOB: Você se aposentou em 2013 e depois da aposentadoria você manteve alguma relação com o teatro....?

EC: Não somente como espectadora vou no bem-bom, sou uma espectadora que gosta muito de teatro muito mais de teatro do que de cinema, apesar da facilidade que a gente tem de ir ao cinema e sala de aula eu também achei que eu fui tão satisfeita na sala de aula do Instituto que eu fiquei para falar a verdade fiquei com receio de começar alguma coisa nova encontrar mais barreiras em outro lugar, então eu preferi ficar na minha memória, eu preferi ficar com o Instituto.

AFOB: Bom você, a gente vai encerrar, você gostaria de falar alguma coisa, complementar?

EC: Bom só tenho a agradecer a Alba que lembrou de mim, e vi que estou muito satisfeita de visitar a sala de teatro antiga que era minha, fui visitar fiquei muito feliz e emocionada de ver ali o grupo de teatro ensaiando fiquei muito feliz de ter de ver que o teatro está voltando para o Instituto.

AFOB: Queria agradecer a Professora Beth Caruso né, que carinhosamente é conhecida na Instituição como Beth, e queria dizer pra ela que que essa é apenas uma pequena parte do nosso acervo, estamos criando ainda o setor de documentação e memória e é importante para a gente ter este registro de como foi o teatro na instituição e como ele continua apesar de todas as dificuldades com a professora apresentou no seu período de atuação, percebemos que a instituição ainda é aberta a essa possibilidade do teatro acontecer dentro e fora da sala de aula. O setor de documentação memória tem no seu acervo uma documentação que registra o teatro na escola...

EC: Eu trouxe o portfólio do teatro....

AFOB: A professora hoje trouxe o portfólio de teatro e temos várias, temos alguns programas de teatros do passado e tal, que será disponibilizado em breve para a comunidade para o público em geral. Mais uma vez agradecemos a professora Elizabeth e dispomos aqui do nosso setor que está aberto a qualquer hora, se lembrar de qualquer coisa quiser vir aqui nos

contar é só marcar com a gente que será um prazer recebê-la, mais uma vez muito obrigada!

Descritores

Coordenadoria de Documentação e Memória

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Elisabeth Caruso

Alba Fernanda Oliveira Brito

Fernanda Ferreira Boschini

História Oral na Educação

Memórias do trabalho docente

Dados Biográficos da Entrevistada



A Professora Elisabeth Caruso possui Graduação em Licenciatura em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo (1987), Especializações em Orientação Educacional e Didática do Ensino Superior na Universidade São Judas Tadeu (1989), além da especialização em Lazer Sociocultural pelo SENAC–SP (1989). Elisabeth também possui Mestrado em Educação pela Universidade Bandeirante de São Paulo – UNIBAN (2005). Atualmente é professora

aposentada do Ensino Básico e Tecnológico (EBTT) no Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Atua com os seguintes temas: Ensino Médio, Teatro e Educação. Fonte: <http://lattes.cnpq.br/3143651152956490>

Dados Biográficos da Entrevistadora



Alba Fernanda Oliveira Brito e Fernanda Ferreira Boschini

Alba Fernanda Oliveira Brito é Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) no programa Educação: História, Política e Sociedade. Possui especialização em registros acadêmicos pela Universidade Federal do Paraná–UTFPR (1998). Possui graduação em Licenciatura em Estudos Sociais- Licenciatura plena pelas Faculdades Integradas Alcântara Machado (1991). Ocupa atualmente o cargo de Técnica em Assuntos Educacionais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Coordenadora de Documentação e Memória do IFSP Campus São Paulo desde 2015.

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais

Termo de Autorização para uso de Imagem